

A Estranhez Redebrilhante
- Passos para uma Psicologia Não-Moderna

The Bedazzling strangeness
- Steps to a non-modern psychology

Vera Schroeder

Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da UERJ

RESUMO:

Fruto do projeto de qualificação de doutoramento no Departamento de Psicologia Social/UERJ, este artigo apresenta um percurso teórico que busca questionar a herança platônica na construção dos saberes, em particular no campo das psicologias. Partindo dos estudos desenvolvidos por Gregory Bateson, outros contrastes são apresentados em torno desta discussão epistemológica, na busca por uma articulação de autores que trazem críticas ao modelo platônico e, portanto, à Ciência. Nesse sentido, serão analisadas as contribuições de William James e de Vinciane Despret, bem como o pensamento libertário de Piotr Kropotkin e de Paul Feyerabend.

Palavras-chave: platonicismo; método; psicologia

ABSTRACT:

Result of a PhD qualification draft at the Social Psychology Department/UERJ, this article introduces a theoretical path which aims to question Plato's inheritance in the construction of knowledge, in particular in the field of psychology. Starting from the research of Gregory Bateson, other contrasts are introduced around this epistemological discussion, searching for an articulation of authors who bring critiques to Plato's model and, therefore, to Science. In this sense, the contributions of William James and Vinciane Despret will be analysed, and as well the libertarian ideas of Piotr Kropotkin and Paul Feyerabend.

Key-words: platonic; method; psychology

Introdução

Um projeto de pesquisa, inúmeros problemas. As perguntas se multiplicam e se apresentam em novas questões. A sensação é mesmo de estar num labirinto, como no Labirinto de Dédalo.

O Mito de Dédalo nos conta a história de um importante arquiteto, construtor, engenheiro e artesão. Da oficina de Dédalo, em Atenas, saíam artefatos extremamente interessantes. Para o rei Minos, de Creta, construiu um enorme labirinto, onde mais tarde foi aprisionado o Minotauro, uma criatura meio humana e meio animal, com cabeça de touro e corpo de homem. Quando Teseu resolve entrar no labirinto para vencer o Minotauro, Ariadne recorre à sabedoria de Dédalo para ajudá-lo. Apaixonada por Teseu, Ariadne lhe pede para percorrer as curvas do labirinto segurando o fio de um grande novelo. Teseu vence o Minotauro e encontra o caminho de volta graças ao *fio de Ariadne*.

Mas a sensação de estar num labirinto não se coaduna com o desespero. Se é dessa maneira que apresento meu caminhar, é porque opto em não seguir o caminho reto da Razão. Prefiro tentar percorrer os caminhos tortuosos do conhecimento técnico, da *métis*, a Deusa grega que através da arte e do engenho possui a astúcia necessária para se colocar no instante exato do acontecimento, no *kairós*.

Assim, apresento rapidamente os passos dados lá atrás, no mestrado¹, quando percorri as curvas e as armadilhas do paradoxo, desde a filosofia grega até chegar aos conceitos de duplo vínculo e comunicação paradoxal empregados pelo antropólogo inglês Gregory Bateson (1904-1980).

Nestas novas curvas, Bateson continua presente. Com outros autores busco ampliar a discussão epistemológica em torno do modelo de Ciência e, mais especificamente, trazer contribuições para o rompimento de um modelo tradicional de Psicologia. São autores que não seguem o modelo Moderno como opção na construção do conhecimento. Em oposição ao caminho reto da Ciência, da Razão e da Verdade, trago autores que trilham as condições pragmáticas para construir não mais a *Ciência*, mas *ciências*. Estas, no plural e sem a tutela da letra maiúscula, articulam saberes anteriormente intransponíveis.

O que esperar das ciências uma vez despojadas da Ciência? Que se limitem aos simples fatos, aos fenômenos, aos dados, aos estritos limites da razão, deixando à mercê da moral e da política as outras funções? Lógico que não. Pelo contrário, elas devem participar de todas as funções (LATOURET, 2004: 233. Grifo do autor).

Ou ainda, como coloca Despret (2001), que estas ciências possam nos oferecer *versões* de mundo, ao invés da Ciência como *visão* de mundo. As *versões* nos contam histórias, nos falam de mundos; a *visão* impõe seu saber para, ao mesmo tempo, refutar tantos outros.²

Para que se possa fazer esta articulação de autores, artes e conceitos, sigo os passos dados por Bateson na sua construção teórica. Seguirei uma proposta de pesquisa não mais como uma estrutura fixa, mas como uma *dança de partes interagentes*.

Hemos sido adiestrados para pensar en las pautas (a excepción de las de la música) como cosas fijas. Eso es más cómodo y sencillo, pero, desde luego, carece de sentido. Em verdad, para comenzar a pensar acerca de la pauta que conecta lo correcto es considerarla primordialmente (cualquiera sea el significado de esta palabra) como una danza de partes interactuantes, y sólo secundariamente fijada por diversas clases de límites físicos y por los límites que imponen de manera característica los organismos (BATESON, 2002: 23. Grifo do autor).

Acredito que a questão trazida por Bateson com a frase “A Ciência não prova nada” (2002:37) não sugere um simples abandono das ciências, mas um abandono de um tipo de ciência que há tempos se apresenta obsoleto. Esta crítica propõe a construção de um outro tipo de projeto de ciência, calcado em outras bases epistemológicas.

Assim, inicio a dança com Bateson, procurando retomar alguns conceitos importantes de suas pesquisas e que estabelecem diálogos interessantes com os demais autores. Logo em seguida, os passos da dança serão dados com o filósofo William James e com a filósofa e psicóloga belga Vinciane Despret.

Neste desenho, outras heranças deverão ser levadas em conta. Heranças muito mais interessantes e interessadas do que a herança platônica. Refiro-me às contribuições libertárias, sempre deslocadas da Ciência tradicional porque sempre estranhas e estrangeiras. E os estranhamentos aqui serão fundamentais. Trarei, então, os anárquicos, justamente aqueles que me ensinaram há tempos que “se não puder dançar esta não é a minha revolução”, como disse certa vez Emma Goldman (1869-1940), importante pensadora anarquista³.

Por fim, resta o desafio de percorrer o labirinto com astúcia. Se no Mito de Dédalo havia o *fio de Ariadne* que servia como uma linha-guia para auxiliar Teseu nas

curvas do labirinto, trago aqui também um *fio* que possa me auxiliar a percorrer as veredas da paixão e das ambigüidades. Trago um *fio de Rosa*.

Eu sei que isto que estou dizendo é dificultoso, muito entrançado. Mas o senhor vai avante. Invejo é a instrução que o senhor tem. Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar o corpo ao suceder. O que induz a gente para más ações estranhas, é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe!

Sendo isto. Ao doido, doideras digo. Mas o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda. Assim, é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar: Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas. O que muito lhe agradeço é a sua fineza de atenção (ROSA, 2001: 116).

Lhe falo do que não sei

Sertões, veredas e Rosa inventaram palavras para designar aquilo que era inefável, mas nem por isso incomum. Seus neologismos se inserem numa sintaxe que segue a ordem da vida (a matéria vertente dos jagunços) e não a lógica gramatical (a dos senhores, daqueles que têm instrução). É dessa outra maneira que Rosa nos conta das sombras dos buritis, da garoa redebrilhante da dos-Confins, do compadre de Quelemém, do Tinhoso no meio do redemunho, dos silêncios do Urucuia. Pede licença para falar da doidera e da fantasiação. É um não saber, mas desconfiar de muita coisa. Viver é um descuido prosseguido. No triscar do facão, lágrimas podem virar sangue. E nem sempre a coragem é suficiente. Derradeiramente a vida tem mais interrogação que certeza. Com tanta estranhez, Riobaldo nos conta: “Diadorim é a minha neblina...” (idem: 40).

Mire veja: o sertão está em toda parte. Nonada.

Se falo daquilo que não sei é porque opto em falar dessa *neblina* que é *Diadorim*. E desse *sertão* que está em toda parte. Assim como do *Que-Diga*, que solto assim, por si, não existe. Mas está misturado em tudo e vige dentro do homem. Quero falar daquilo que se vê, mas não está delineado. Opto em falar de dúvidas e de incertezas; e desse não saber.

A estranhez redebrilhante

Estranheza e espanto são *sertões* que estão em toda parte e em todos os tempos. E é o espanto (*t`thaumázein*) que une a sabedoria (*sophia*) à amizade (*philia*). Contradições e paradoxos geravam espanto e moviam o conhecimento, como podemos observar nos ensinamentos deixados por Parmênides e Heráclito.

Porém, se a contradição causa algum estranhamento, colocando de um lado aquilo que é e, de outro, aquilo que não é, o paradoxo une estes contrários e lhes dá um sentido. O paradoxo é uma *estranhez redebrilhante*.

Diferente de outras palavras, o paradoxo parece não ter sofrido alterações etimológicas na sua longa história de vida. Dos pré-socráticos (século VI a.C.) até hoje, o significado é o mesmo. Assim como não mudou e continua sendo evidente o papel da filosofia em afastar qualquer contradição ou sentido paradoxal na construção do saber. Mesmo com os sofistas, que eram conhecidos como sábios e hábeis na “arte de ensinar”, um grande esforço é feito para que seu sentido se torne pejorativo: serão chamados de charlatões e mentirosos. Com a ambigüidade presente em seus discursos, os sofistas aproximavam a *doxa* (opinião) da *alétheia* (verdade). Além disso, não eram de Atenas. Os sofistas eram os *estrangeiros* que vinham de colônias gregas da Jônia e da Magna Grécia. Traziam em suas bagagens as oposições irreconciliáveis dos eleatas e o devir heraclitiano, onde aquilo que parece ser tem tanto valor quanto aquilo que é em si mesmo. E por serem *estrangeiros*, suas palavras eram como malas que carregavam novos e múltiplos sentidos: *les mots-valises*. Sentidos que poderiam comportar ambigüidades e que, por esse motivo, eram fortemente criticados por seus inimigos: Platão, Aristóteles e outros. Justamente aqueles que deixaram relatos sobre os sofistas, evidentemente desfavoráveis.

E talvez o maior paradoxo seja a sua necessária existência na construção da via da verdade. A nossa herança platônica precisa daquilo que tanto refuta. Se precisamos do contrário para se chegar à síntese dialética, tornam-se ainda mais necessários o insólito e o não-sentido para se chegar ao *real*.

Para Latour, é a *ação* que irá definir e caracterizar a rede de atores (ou actantes). E esta ação é, necessariamente, incoerente e desestabilizadora.

Os atores se definem antes de tudo como obstáculos, escândalos, como aquilo que suspende a superioridade, que incomoda a dominação, que interrompe o fechamento e a composição do coletivo. Para falar de maneira popular, os atores humanos e não-humanos aparecem, então,

como importunos. É pela noção de recalcitrância que convém, de modo especial, definir sua ação (LATOURET, 2004: 150).

Somos, portanto, seres recalcitrantes. Somos sujeitos e objetos capazes de explodir laboratórios. E somos também híbridos, mesmo que os modernos insistam em extirpar – por purismos ou conservadorismos – essas duas características.

Que isso foi sempre o que me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados... Como é que posso com esse mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtroz a esperança mesmo no meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado... (ROSA, 2001: 237).

Este mundo é muito misturado...

Bateson foi um pesquisador que misturou diferentes saberes e se deparou, inevitavelmente, com o paradoxo. Filho do famoso geneticista William Bateson, iniciou sua carreira como um jovem e promissor antropólogo em Cambridge. Mas logo começou a se interessar por assuntos tão diversos como a matemática e a cibernética, assim como a psiquiatria e a etologia. Para alguns, por trazer questões tão díspares, tornou-se um antropólogo menor, um *estranzeiro* dentro da antropologia. Para outros – e para mim também –, aí residem suas contribuições extremamente originais.

Seus conceitos trazem claramente a influência desses variados campos do saber. São uma *clara-mistura* através da qual Bateson tentava decifrar essas conexões. Assim, Bateson investigou durante toda a sua vida de que maneira nos “conectamos” uns com os outros (*the pattern which connects all living creatures*). De que maneira a vida se *transtroz*, criando laços e nós que, segundo ele, a antropologia de maneira isolada era incapaz de compreender.

Como nos conectamos: a neblina de Bateson.

No sertão de Rosa, Riobaldo queria entender o que faz com que agente fique *passeando pensar* nos outros. Ficava matutando sobre como se dá essa *agenciação encoberta da vida* (ROSA, 2001:253). Que *agenciação* promovemos? E o que seria essa *agenciação encoberta*, invisível?

Para o antropólogo Etienne Samain (2005), a obra de Bateson é um início da criação de uma nova epistemologia, uma epistemologia da comunicação. Bateson estava

dando passos para a compreensão dos elos que unem a natureza e o pensamento, a psicologia e a antropologia, a estética e as questões de diferenças.

No decorrer da minha existência coloquei as descrições de tijolos e de jarras, de bolas de sinuca e de galáxias numa caixinha... e deixei-as repousar em paz. Numa outra caixa, coloquei coisas vivas: os caranguejos do mar, os homens, os problemas de beleza e as questões de diferença. O tema deste livro é o conteúdo da segunda caixa (BATESON, 2002:17).

Através do aforismo do lingüista e psicólogo polonês Alfred Korzybski (1879-1950), “A Map is not the Territory, and the Name is not the Thing named”⁴, Bateson apresenta uma outra compreensão do *real*. O que aprendemos a chamar de *real* ou *realidade* seria aquilo que, através de transformações ou codificações, nos serve de base teórica. O “mapa” apenas busca organizar as *diferenças* que estão presentes no “território”. Daí sua crítica à ciência e aos cientistas que, presos a tautologias e códigos, limitam-se aos “mapas” na busca obsessiva por verdades.

Para Bateson, a *diferença* é uma *idéia*; e estética seria a sensibilidade, o reconhecimento e a empatia aos vínculos, àquilo que conecta. Sendo assim, a comunicação não poderia ser compreendida de forma telegráfica, mas de modo orquestral e sensual.

Nos estudos desenvolvidos pela Escola de Palo Alto, Bateson e seu grupo de pesquisadores abordaram inúmeras questões ligadas à comunicação humana. Para compreendê-la melhor, traçaram as distinções entre as linguagens digitais, analógicas e as paradoxais. A linguagem digital é marcada pela descontinuidade, como na diferença clara entre os números zero e um ou entre um “sim” e um “não”. No caso da linguagem analógica, temos uma aproximação maior entre a coisa em si e o código da mensagem, como os gestos e desenhos análogos ao real. A linguagem digital seria, portanto, mais precisa; em contrapartida, a analógica estaria mais próxima do real.

Mas raras são as vezes que nos comunicamos através de um só tipo de linguagem. Na maioria das vezes nos comunicamos combinando material analógico e digital, produzindo ruídos e enfrentando dificuldades na tradução de uma linguagem para outra. Surgem aí, a todo instante, paradoxos comunicacionais. Às vezes contraditórios e patológicos, como no caso do duplo vínculo. Outras vezes produzindo um sentido novo, muitas vezes insólito. Seja como for, risco menor teria aquele que optasse apenas por um tipo de linguagem: digitalmente, através de um bilhete deixado

na mesa, dizendo “adeus”, por exemplo. Mas mesmo assim corre-se o risco de não ser bem compreendido. E às vezes há um desejo de que não aconteça uma compreensão tão exata assim...

Mas não somos os únicos que passamos por estes riscos e desejos. Bateson observará mais tarde, durante suas pesquisas no Havaí, que outros mamíferos como lontras e golfinhos eram capazes de combinar linguagens, assim como de lidar com cismas e conflitos comunicacionais. E estes conflitos seriam peças fundamentais na construção do conhecimento.

Seguindo as propostas epistemológicas de Bateson, aquilo que rompe com uma compreensão linear ou binária é o que nos define, o que nos caracteriza de modo especial. O paradoxo seria uma característica extremamente importante na comunicação humana – mas também animal – e jamais deveria ser extirpado, como fizeram alguns antipsiquiatras e psicólogos ligados à Terapia Familiar Sistêmica⁵.

Além disso, sem o paradoxo jamais poderíamos construir um discurso ligado à fantasia, às alegorias ou ao humor. Eles são necessariamente paradoxais porque questionam aquilo que é real e coerente. As redes de atores seriam, portanto, formadas também por obstáculos, por tudo aquilo que possa ser intempestivo e gerar incômodos – redes que se conectam através de incertezas e indeterminações, que apostam numa construção indeterminada, no “entre” deleuziano ou o “platô” batesoniano:

Um platô está sempre no meio, nem início nem fim. Um rizoma é feito de platôs. Gregory Bateson serve-se da palavra “platô” para designar algo muito especial: uma região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior. Bateson cita como exemplo a cultura balinesa, onde jogos sexuais mãe-filho, ou bem querelas entre homens, passam por esta estranha estabilização intensiva (DELEUZE e GUATTARI, 1995: 33).

Esta aposta intempestiva difere muito do instrumento universal utilizado para aferir e solucionar contradições e paradoxos: a dialética e sua busca da verdade lógica, absoluta. Nesse sentido, ao contrário da dialética, o paradoxo traz contrastes interessantes para se pensar a comunicação humana e a capacidade de nos conectarmos com o mundo.

E mirando nosso olhar para a neblina de Bateson – qual a pauta que nos conecta? –, podemos ver a imagem ainda em formação de uma nova proposta metodológica. Para

Bateson, a “pauta que nos conecta é uma metapauta. Uma pauta de pautas” (2002: 21). São idéias e diferenças acerca daquilo que é em si, analogamente, e sobre o nome (código) que lhe é atribuído. Assim como o mapa não é o território e o nome não é a coisa designada, todo pensamento é caracterizado por modelações e transformações de sentido. É por isso que uma metodologia deveria ser considerada primordialmente como a *dança de partes interagentes*. Somente mais tarde poderá ser fixada, impondo limites, estabilidades e rigores. Ordem, verdade, método e ciência não existem *a priori*; somente *a posteriori*. E serão sempre estabilidades provisórias.

Quem desconfia fica sábio: dizendo como pude, muito confirmei; mas confirmei acrescentando que chegara até ali por dar volta cautelosa, e mesmo para ter a calma de resolver os projetos em meu espírito. (ROSA, 2001: 154).

Quase que nada sei, mas desconfio de muita coisa

Assim como os sofistas desconfiam da retidão platônica, os estrangeirismos anárquicos parecem questionar – ou recalcitram – a filosofia ocidental. No caso da anarquia, esses *estrangeiros* podem carregar malas com novos sentidos, inclusive bombas. Assim foi com François Koenigstein, mais conhecido como Ravachol, um anarquista dado a seqüestrar princesas, fabricar explosivos e dinheiro falso, além de realizar outros atos igualmente ilícitos. O fogo, a lâmina e a bomba eram recursos utilizados por ambos os lados nos conflitos vividos no final do século XIX. Às vezes traduzidos nas guilhotinas do poder, outras vezes em rebeliões e barricadas.

Além de bombas, a anarquia soube construir outros artefatos e dispositivos. Nesse sentido, é interessante notar que, de modo contrário ao que aconteceu com o termo *paradoxo*, a palavra *anarquia* sofreu inúmeras mutações etimológicas.

Anárquico já foi sinônimo de liberal (o que hoje seria considerado no mínimo uma ofensa), socialista, terrorista, coletivista, anticlericalista, internacionalista. Foi também através da anarquia que se construíram as escolas-livres, os sindicatos e as cooperativas. O estranhamento anárquico frente aos alicerces dogmáticos soube abalar fronteiras de Estados-Nações e de gêneros. Seus ideais estiveram intimamente ligados à Comuna de Paris de 1871, à Guerra Civil Espanhola nos anos 1930, assim como a Maio de 1968, para citar alguns momentos.

Essa herança também deixará suas marcas. Em Michel Foucault, a teoria política de Fourier e de diversos libertários compõe a construção da crítica ao modelo metafísico e antropológico de memória (ou de herança) e acredita na possibilidade de “*penser autrement*”. Sobre as análises de La Phalange em “Vigiar e Punir”, por exemplo, Foucault aponta claramente a importância das experimentações libertárias enquanto contra-posicionamento às técnicas disciplinares do Estado.

As lições da Phalange não se perderam totalmente. Elas é que foram despertadas pela reação tão ampla de resposta aos anarquistas, quando, na segunda metade do século XIX, eles, tomando como ponto de ataque o parêntese penal, colocaram o problema político da delinqüência; quando pensaram reconhecer nela a forma mais combativa de recusa da lei; quando tentaram, não tanto heroicizar a revolta dos delinqüentes quanto desligar a delinqüência em relação à legalidade e à ilegalidade burguesa que a haviam colonizado; quando quiseram restabelecer ou constituir a unidade política das ilegalidades populares (FOUCAULT, 1977: 156).

Esta marca anárquica no pensamento foucaultiano é abordada por diferentes autores⁶. Destaco aqui “Foucault, História & Anarquismo”, importante estudo produzido pela historiadora Margarteh Rago.

Duas passagens do filósofo são logo evocadas: “Não, eu não me identifico com os anarquistas libertários, porque há uma certa filosofia libertária que acredita nas necessidades fundamentais do homem. Eu não as quero, me nego acima de tudo a ser identificado, ser localizado pelo poder”. In: Dits et Écrits, t. IV. Paris: Gallimard, 1994, p.664. A segunda é a conhecida resposta de Foucault a Jules Vuillemin: “(...) no fundo você é um anarquista de direita e eu sou um anarquista de esquerda”. In: Didier Eribon. Michel Foucault: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.138 (RAGO, 2004: 15).

Acredito que os “estrangeirismos anárquicos” foram fundamentais para a filosofia e continuam gerando contrastes interessantes para as ciências. No caso do filósofo norte-americano William James (1842-1910), notamos traços menos bombásticos, mas nem por isso menos anárquicos. James realizou uma série de conferências no Instituto Lowell, em Boston, e na Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, entre 1906 e 1907. Estas conferências foram mais tarde organizadas e publicadas no livro *Pragmatismo (Pragmatism and other essays)*. O livro é dedicado à memória de John Stuart Mill (1806-1873), considerado um autor com princípios muito próximos ao pensamento libertário.

A obra de James se situa justamente na virada dos séculos XIX e XX, momento de importantes lutas sociais e de busca por um estatuto científico nas diversas áreas do saber. O pensamento anárquico exerce alguma influência na obra de James, como na sua crítica ao “otimismo racionalista” de Leibnitz, considerado por James um intelectual ao mesmo tempo determinista e ingênuo.

Além de Stuart Mill, outros pensadores aliados ao pensamento libertário aparecem em sua obra.

Encontro um fino exemplo de revolta contra o fútil e vazio otimismo da filosofia religiosa corrente em uma publicação de um valente escritor anarquista, Morrison I. Swift. O anarquismo de Swift vai um pouco além do que o meu, mas confesso que simpatizo, e muito, e alguns dos senhores, eu sei, simpatizarão ardentemente com o seu desgosto pelos otimismo idealísticos atualmente em voga (JAMES, 2006: 36-37).

Em seu jornal, intitulado *Submissão Humana*, Swift narra uma série de reportagens sobre a miséria humana, com relatos de mortes e suicídios causados pela falta de emprego, por fome ou frio. Paralelamente aos registros, Swift apresenta as teses filosóficas que defendiam princípios de retidão, beleza, assim como a idéia de unidade absoluta ou de ordem eterna. Nesse contraste teórico-político entre a miséria e o otimismo racionalista, Swift conclui, sem esconder sua ironia: “quer dizer que esses homens assassinados tornam o universo mais rico e que isso é filosofia” (*apud* JAMES, 2006: 37).

Se o principal referencial teórico para o pragmatismo de James são as investigações teóricas de Charles Sanders Peirce (1839-1914), seu pensamento filosófico é também influenciado pela obra de dois outros filósofos norte-americanos: Ralph Waldo Emerson (1803-1882) e seu grande amigo Henry David Thoreau (1817-1862), autor do ensaio *Desobediência Civil*.

O ensaio-manifesto *Desobediência Civil* foi escrito em 1849 e inicialmente era intitulado *Resistência ao Governo Civil*. Thoreau, um abolicionista, discordava da política escravagista nos estados do Sul e não queria ver seu dinheiro sendo utilizado no financiamento da guerra contra o México. Este manifesto, assim como o livro *Walden*, contém não só suas idéias, mas também suas práticas cotidianas. *Walden* é fruto de sua experiência de vida quando morou num bosque, para que seus impostos não fossem incluídos no financiamento de uma guerra. Thoreau procura mostrar de que maneira a presença de qualquer governo, mesmo que mínimo, estaria relacionada a uma

diminuição de autonomia e consciência dos cidadãos. Suas críticas anárquicas são evidentes, tanto ao darwinismo social quanto ao Estado ou à idéia de propriedade.

Estes pensamentos anárquicos surgem em diversas passagens na obra de James. E são, sem dúvida, fundamentais na crítica aos dogmas dos “espíritos duros”. Como coloca James, frente ao universalismo e universos, o “multiverso”. Assim como a sua aposta em “fazer pensar”, “fazer agir”, “fazer crer”.

Vale lembrar que as leis existem. Mas, como já foi assinalado anteriormente, ordem, verdade e método “sabem dançar”. São estabilizações sempre provisórias. É por isso que as regras, para os anárquicos, foram feitas para serem questionadas. Ou, como prefere James (e Rosa), devemos desconfiar sempre delas.

James traz essa relação de verdade e incerteza quando associa o caráter múltiplo da *verdade*. Sendo múltipla, jamais poderíamos concebê-la como uma idéia estagnada. Pelo contrário, deveria ser compreendida como movimento, uma verdade-processo. Ela “é feita verdadeira nos acontecimentos” (idem: 113).

E é desse modo que James critica arduamente a metafísica e suas abstrações, assim como os racionalistas. Estes seriam modelos de um pensar que se tornará, necessariamente, preso às leis e ao modelo empírico. Seguirá um método que sempre se apresentará fatalista e pessimista. “Nossas leis são somente aproximações”, adverte James (idem: 49).

James apresenta o Pragmatismo primordialmente como um método. Um método que possa auxiliar nas investigações abrindo o campo teórico, e não mais como um instrumento que possa dar respostas aos enigmas. Isso, para James, seria uma tendência antiintelectual. Segundo ele, “contra o racionalismo como pretensão e um método, o pragmatismo acha-se completamente armado e militante” (idem: 48).

Assim, frente às abstrações racionalistas, James apresenta o “e” e suas adições que fazem-fazer o multiverso. Seriam as formas de conjunção das diversas experiências. Essas uniões estéticas e emocionais se articulam e podem promover verdades nos acontecimentos. Há no acontecimento uma vontade de promover fatos em verdades, assim como a vontade de crer numa espiritualidade, que passa a ser compreendida como a conexão emocional e estética – singularidades que nos atravessam e nos atualizam.

Uma vida: pura imanência, nada mais... ⁷.

*Tempo que me mediu. Tempo? Se as pessoas esbarrassem, para pensar – tem uma coisa! – : eu vejo é o puro tempo vindo de baixo, quieto mole, como a enchente dum água... Tempo é a vida da morte: imperfeição. Bobices minhas – o senhor em mim não medite. Mas, sobre uns assuntos assim, reponho, era que eu almejava ter perguntado a Diadorim, na véspera, de noite, conforme quando com ele passeei. Naquela hora, eu cismasse de perguntar a Diadorim:
– “Tu não acha que todo mundo é doido? Que um só deixa de doido ser é em horas de sentir a completa coragem ou o amor? Ou em horas em que consegue rezar?” (ROSA, 2001: 603).*

Tempo que me mediu. Tempo?

A filósofa e psicóloga belga Vinciane Despret toma como base a teoria pragmatista de William James para nos colocar à frente de nossa herança platônica. E indaga: o que fazer com ela? Seria possível negar ou refutar uma herança? Se não há como refutá-la, façamos as transformações que desejamos. E para que as transformações aconteçam, torna-se necessário trazer um elemento novo para junto dessa herança: contrastes e controvérsias que promovam estranhezas. Torna-se imperativo que se faça-fazer uma sensação de *dépaysement*.

Outra palavra repleta de sentidos. O verbo *dépayser* pode ser compreendido como mudar de ares, desorientar, proporcionar uma mudança. Também carrega um sentido de estrangeiro e de estranho. Um desterro e um estranhamento. Frente ao novo, novas linguagens e comportamentos deverão ser criados.

Dépaysement, uma nova estranhez rebrilhante.

Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder de lugar. Viver é muito perigoso.... (ROSA, 2001: 41).

Através da antropologia e da etologia, Despret busca contrastes para desnaturalizar uma série de categorias muito caras à Ciência e principalmente à psicologia, tais como “emoção” e “conhecimento”. Ao contrário dos universalismos empregados pela psicologia, a antropologia teria muitos caminhos interessantes a nos ensinar, principalmente pelo fato de lidar com o “outro”, com aquilo que é diferente e estranho ao nosso olhar. Nesse sentido, Gregory Bateson, Margareth Mead e Ruth Benedict teriam sido os precursores da chamada etnopsicologia⁸.

Na busca pelo seu estatuto de Ciência, a Psicologia faz emergir as mais variadas controvérsias no campo dos saberes: as emoções estão ligadas à Natureza ou à Cultura?

Com concepções contraditórias, as teorias psicológicas usualmente tendem a escolher um só campo para desenvolver suas pesquisas.

Assim, partindo do pressuposto de que a emoção está no mundo, podemos dizer, por exemplo, que estamos com medo porque o mundo está violento. Mas podemos também partir do pressuposto de que a emoção está na alma, concluindo, então, que o mundo se mostra violento porque nós estamos sentindo medo. Há ainda uma terceira possibilidade que exclui o privilégio das duas anteriores: um medo que não é consciente, mas que emana de nossos corpos.

Despret segue na crítica ao modelo platônico inserido na psicologia, que a faz operar através de fragmentações do sujeito em categorias internas e externas (corpo e alma; alma e mundo). É dessa maneira que as psicologias irão, cada uma a sua maneira, buscar a resposta mais coerente para o dilema Natureza *versus* Cultura. E é essa fragmentação o que garantirá o determinismo e a estabilização necessária para o saber científico.

Frente a este modelo de causa-efeito, Despret oferece uma relação de afetar e ser afetado por tudo e todos, transformando a emoção em algo sempre indeterminado. Esta construção teórica está baseada em James, para quem a emoção é gerada no acontecimento, nas articulações que se produzem entre o corpo, o mundo e a consciência. Denominamos medo àquilo que foi co-afetado e que estará sempre resistindo às estabilizações.

Seguindo na aposta teórica de James, Despret nos mostra a dificuldade que temos em criar *versões* de mundo (em oposição a uma *visão* de mundo) que não naturalizem a emoção e tampouco a aprisionem em um lugar privilegiado. A idéia (ou *visão*) criada pela psicologia de uma excitação no corpo ou exaltação na alma está relacionada com a história das emoções, na luta entre Razão e Paixão, dicotomia que remonta à tal herança platônica.

Como vemos, esta é uma herança que carregamos há muito tempo, muitas vezes sem perceber sua influência, muito menos suas conseqüências. Como alerta Despret, seguimos um modelo racional e fragmentado que menospreza a emoção. Somente através de distanciamentos e neutralidades pode-se ter acesso ao conhecimento. E será através desse modelo – frio, desarticulado e *desafetado* – que será fundada a Ciência e a produção dos saberes.

Nossa herança platônica, a *neblina* de Despret.

Para Despret, as emoções não possuem um papel secundário em relação à Razão ou ao conhecimento. Não possuem sequer um lugar privilegiado, relacionando-se à alma ou ao corpo. Pelo contrário, as emoções são ao mesmo tempo humanas e culturais, desafiam com humor e resistência as nomenclaturas científicas na construção do ser humano. As emoções deveriam ser percebidas enquanto mundos que habitamos e que construímos. E construímos COM o outro.

Nesse sentido, Despret traz novamente o sentido de “*penser autrement*”, compreendendo emoção como transformação e atualização dessa paixão que nos habita e que nos define. Essa paixão sempre será um *outro*, algo novo e estranho. E assim como o paradoxo, pode ser compreendida como um abalo, mas nem por isso como algo perigoso e que nos levaria a cometer atos insanos.

Mas Despret (2002) vai além do simples devir. Será necessário um “*devenir avec*” como forma de escapar dos modelos dogmáticos e etnocêntricos da ciência moderna, herdeira de Platão. O “devir com” leva em consideração a transformação não só de si, mas a construção de um mundo em comum capaz de promover transformações “com eles”, uma transformação que é feita no agenciamento.

Analisando de que maneira a psicologia está implicada nessa herança, Despret mostra os elos que unem Platão, Darwin e Freud – um modelo de ciência que privilegiou a Razão e transformou o afeto em um “resíduo de humanidade que impede a verdade” (2001: 148).

Somos o único animal capaz de lidar com a “paixão” e com o “saber”, diferentemente de nossos ancestrais. Trazemos, porém, a marca indelével de nossa origem: nosso babuíno fundador é um macho extremamente ciumento e agressivo. As fêmeas se caracterizam por sua passividade e receptividade. Para conquistá-las, machos competem e agridem. E socialmente se organizam de modo bastante hierarquizado.

Este babuíno ciumento e dominante, não à toa, fundamentará muito bem um outro livro, tão importante para as ciências modernas quanto *A Origem das Espécies: Totem e Tabu*. Freud se utiliza dos relatos de Darwin sobre o primata fundador, citando-o em longas passagens, construindo assim uma argumentação biológica quanto à nossa vocação parricida, competitiva, ciumenta e repleta de culpas. O totem é fabricado e, através do babuíno, Freud vai nos “totemizar”.

Mas Despret traz algumas indagações. Por exemplo: e se tivéssemos mulheres indo a campo, como seria? E se outros primatas tivessem vencido as eleições para a candidatura a modelo fundador? Os Bonobos, por exemplo, são primatas que vivem numa organização social horizontal, onde machos e fêmeas se masturbam mutuamente, com atos sexuais altamente ritualizados e sem o uso da competição ou da violência. É no mínimo interessante pensar como seria nossa sociedade se Darwin e Freud tivessem “eleito” os Bonobos.

Na análise etológica realizada por Despret, outras proposições de existência são evidenciadas. Um levantamento curioso traz à tona de que modo as ovelhas se organizam socialmente muito bem, além de possuírem alta capacidade de memorização; porcos se mostram extremamente inteligentes; coletivos de corvos na África são formados de modo cooperativista; um pássaro em Israel, conhecido como *Cratéropes écailles*, é dotado de desejo e se mostra hábil em categorias abstratas; e também havia um cavalo que sabia contar...

Retornando para a psicologia e seus laboratórios, podemos agora nos perguntar: qual a diferença que existe entre os ratos medíocres e os ratos brilhantes? Talvez seja a mesma diferença que se pode observar entre a “coisa feita” e a “coisa em feitura”. A aposta de Despret está na pesquisa que é realizada de tal modo que se possa experimentar um *devir com* o objeto que está sendo pesquisado, seja ele um esquimó, um corvo ou um cavalo. Neste *devir com*, o cavalo sabe contar porque conta números com o pesquisador. A verdade se dá nos agenciamentos produzidos no coletivo.

Apoiada em James, Despret desconfia das leis da Ciência. Apoiando-se em *contrastes*, discute certas descobertas, como as deduções feitas por Darwin. Para isso, apresenta os estudos do naturalista criacionista inglês Edward Pett Thompson e do geógrafo anárquico Piotr Kropotkin, ambos contemporâneos de Darwin. As pesquisas de Kropotkin são citadas não só por Despret, como também por Bateson, principalmente a obra “*Ajudas Mútuas: Um Fator de Evolução*”, de 1902.

Tivesse medo? O medo da confusão das coisas, no mover desses futuros, que tudo é desordem. E, enquanto houver no mundo um vivente medroso, um menino tremor, todos perigam – o contagioso. Mas ninguém tem a licença de fazer medo nos outros, ninguém tenha. O maior direito que é meu – o que quero e sobrequero – : é que ninguém tem o direito de fazer medo em mim! (ROSA, 2001: 410).

Ninguém tem o direito de fazer medo em mim!

Kropotkin (1842-1921) parte de pesquisas etológicas para compreender o indivíduo e a sociedade, com exames minuciosos da vida de diferentes espécies de animais. Para este autor, a sociabilidade é tão natural ao homem quanto a linguagem. Por isso, a idéia de “animal social” e “animal político” não se opõem, mas coexistem.

Kropotkin também afirma que a luta entre espécies e grupos em algum momento irá ocorrer. Porém – e esta é a diferença primordial entre Kropotkin e Darwin –, a evolução das espécies se daria através de fenômenos de cooperação entre indivíduos e coletivos, através da expressão da cumplicidade e de um sentido de amor que promoveria a sustentação de todo o coletivo. O apoio mútuo não seria um fator ético, moral ou racional, mas sim um fator biológico da evolução das espécies. Kropotkin descreve a ocorrência do apoio mútuo desde as sociedades de insetos até as sociedades humanas.

O apoio mútuo (*l'entraide*) é definido como o intercâmbio recíproco e voluntário de recursos e serviços para o benefício de um coletivo. A sobrevivência, conclui Kropotkin, não seria do mais forte. Indivíduos, grupos e espécies têm mais chances de sobrevivência e evolução à medida que desenvolvem instrumentos de ajuda recíproca e de solidariedade.

No mover desses futuros...

Que novos passos podem ser dados na construção de uma outra epistemologia que questione e proponha novos rumos? Para seguir nessas veredas, trago a *estranhez* do pensamento filosófico e anárquico de Paul Feyerabend (1924-1994).

Para Feyerabend, os princípios epistemológicos que regem a ciência tornam a sua relação com a realidade cada vez mais distante, além de cair em armadilhas lógicas quase infantis. Como esclarece o autor, o que os gregos inventaram não foi a argumentação como forma de troca de experiências, mas sim uma autoridade no discurso que conduzia a verdades universais. Razão ou racionalidade “significa rejeitar certas opiniões e aceitar outras” (1991:19). Dessa maneira, o julgamento do que possa ser considerado “racional” ou “irracional” influencia as investigações científicas, mesmo quando distantes da realidade. E isto, para Feyerabend, não ocorre com tanta raridade, muito pelo contrário.

Talvez o “adeus à Razão” de Feyerabend possa ainda parecer excessivamente radical ou imprudente. Ou talvez tenha gerado tanto incômodo quanto os estrangeirismos dos sofistas, as desestabilizações dos anárquicos ou o multiverso de James. E me parece que do mesmo modo que a proposta filosófica de James foi renegada e passou a ser associada a uma teoria simplista e utilitarista, as contribuições de Feyerabend são associadas a um radicalismo inconseqüente.

Mas tomando suas contribuições como um novo contraste, Feyerabend insiste na necessidade de se reinventar uma proposta epistemológica que não seja fragmentada, dicotômica e excludente. E que isso seja feito sem incorrer em *caricaturas* epistemológicas, quando meras reformas são feitas exteriormente sem colocar em xeque as estruturas, tão fortemente arraigadas na tradição ocidental.

Talvez o conceito mais conhecido de Feyerabend seja o *tudo vale*. Mas desconfio que ele seja mais temido do que conhecido. Sua filosofia procurava questionar as crenças modernas de verdade (fato) e racionalidade. E para isso o conceito de *tudo vale* se inseria na construção de uma metodologia que privilegiasse a ação, ao invés dos dogmas. Há aqui uma relação extremamente próxima com a idéia de verdade em James. A ordem e a verdade poderão ser verificadas *a posteriori*. Ou, como coloca Despret, devemos seguir a arte da *métis* para identificarmos o que conta numa pesquisa, já que *a priori* tudo pode ser levado em conta. Mas alguns indícios serão priorizados e outros não. Daí a importância da crítica política de Feyerabend.

Ciência é um empreendimento essencialmente anárquico: o anarquista teórico é mais humanitário e mais apto a estimular o progresso do que suas alternativas que apregoam a lei e ordem (FEYERABEND, 2003: 31).

No prefácio à terceira edição do livro *Contra o Método*, Feyerabend analisa as controvérsias e confusões que seus conceitos geraram na academia. Mas aponta algumas aproximações teóricas mais recentes, principalmente entre historiadores e sociólogos. Como exemplo (idem: 12), cita Bruno Latour e a obra *Ciência em Ação: ciência é o resultado de resoluções e controvérsias...*

A filosofia anárquica de Feyerabend parece se apresentar como o absurdo e o extraordinário. Assim como o paradoxo, que surge como o devir daquilo que ainda não foi experimentado – uma “anormalidade” que provoca perplexidades. Assim como a necessidade de provocarmos o *dépaysement* em nossas práticas. Todas essas *versões*

apontam para o risco. E todas elas podem ser consideradas radicais na medida em que duvidam das certezas das tautologias.

O senhor estude: o buriti é das margens, ele cai seus cocos na vereda – as águas levam – em beiras, o coquinho as águas mesmas replantam; daí o buritizal, de um lado e de outro se alinhando, acompanhando, que nem que por um cálculo (ROSA, 2001: 393).

O cálculo do buritizal: por uma metodologia apaixonada

Se somos herdeiros de Platão, e se sua herança se traduz nos absolutismos e universalismos da Ciência Moderna, somos também herdeiros dos sofistas. Que heranças são essas que carregamos?

Compreendendo a multiplicidade de heranças – e não apenas a platônica –, outras questões são trazidas, com novos problemas. Porém desdobram-se também outros *devires com*. O que se propõe aqui não é apenas uma metodologia sensível, ou que se promovam experimentações de co-afetação; mas uma epistemologia que traga de volta a *paixão* para o campo das ciências. Lembrando novamente das lutas que são travadas em campos etimológicos, vemos que esta é mais uma palavra que foi banida de textos e de falas acadêmicas. Mas, em termos epistemológicos, a palavra é essa: a paixão e seus apaixonamentos.

Muitos já questionaram a relação de submissão que parece haver entre a Razão e a emoção. E se um dia foi permitida a entrada da paixão no Salão Nobre da Ciência, isso se deu através da porta dos fundos. Razão instrumental e Razão sensível são exemplos dessa tolerância. A Razão impede a barbárie: o pavor de conhecer sem a segurança da lógica racional.

A crença de que com a paixão perderemos inevitavelmente o rigor científico é um erro. Um erro epistemológico e uma aposta política. Mas para que novos passos sejam dados nesta construção não-moderna, teremos de reintegrá-la às ciências. Podemos, como coloca Vinciane Despret (2002: 123), “*parler d’amour em thermes scientifiques*”.

Como poderíamos pensar e praticar uma *metodologia apaixonada*?

Que novos contrastes podem ser criados para que se faça-fazer a dança de partes interatuantes? Nesse sentido, que perguntas interessantes nos trazem os malditos, sejam eles pragmatistas, relativistas, feministas ou anárquicos?

Amável o senhor que me ouviu, minha idéia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não? O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia. (ROSA, 2001: 624).

Referências Bibliográficas

- BATESON, Gregory. *Espírito y Naturaleza*. Buenos Aires: Amorrortu, 2002.
- _____. *Steps to an Ecology of Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.
- DESPRET, Vinciane. *Ces émotions qui nous fabriquent – Ethnopsychologie des Émotions*. Paris: Les Empêcheurs de penser en rond, 2001.
- _____. *Quand le loup habitera avec l'agneau*. Paris: Les Empêcheurs de penser en rond, 2002.
- FEYERABEND, Paul. *Adeus à Razão*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- _____. *Contra o Método*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir. História da Violência nas Prisões*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- JAMES, William. *Pragmatismo*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- LATOUR, Bruno. *Políticas da Natureza – como fazer ciência na democracia*. Bauru, SP: Edusc, 2004.
- QUEIROZ, Clara. *Se não puder dançar esta não é a minha revolução – Aspectos da vida de Emma Goldman*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008
- RAGO, Margareth. *Foucault, História & Anarquismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SAMAIN, Etienne. “Por uma antropologia da Comunicação: Gregory Bateson”. In MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornelia & NOVAES, Sílvia Caiuby.(orgs.), 2005. *O Imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. Bauru: Edusc.
- SCHROEDER, Vera. *O Paradoxo na Comunicação Humana: Múltiplos e Duplos Vínculos*. Dissertação de Mestrado, UERJ, 2006.

Vera Schroeder é doutoranda em Psicologia Social (UERJ),
atualmente em doutorado-sanduiche na Université de Liège (Ulg)

E-mail: vera.schroeder@yahoo.com.br

¹ Ver: Vera Schroeder. *O Paradoxo na Comunicação Humana: Múltiplos e Duplos Vínculos*. Dissertação de Mestrado, UERJ, 2006.

² “*Une vision s’impose ou se refute; une version se propose et se raconte*”. Ver: Vinciane Despret, *Ces émotions qui nous fabriquent – Ethnopsychologie des Émotions*. Paris: Les Empêcheurs de penser en rond, 2001: 43.

³ “*O fascínio que a personalidade e a vida de Emma Goldamn me suscitou emana da impressionante actualidade (ai de nós!) de muitas das suas lutas, da freqüente acuidade e alcance de sua análise política, das sua genuína, generosa e inexcédível defesa dos direitos das mulheres e da justiça mas, sobretudo, da sua intransigente defesa da liberdade*”. Ver: Clara Queiroz. *Se não puder dançar esta não é a minha revolução – Aspectos da vida de Emma Goldman*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008: 12.

⁴ “*Este principio, hecho célebre por Alfred Korzybski, tiene referencia con muchos niveles. De un modo general, nos recuerda que cuando pensamos en cocos o en cerdos, no tenemos cocos o cerdos en el cerebro. Pero, en un sentido más abstracto, el enunciado de Korzybski nos dice que en todo pensamiento, o percepción, o comunicación de una percepción, hay una transformación, una codificación, entre la cosa sobre la cual se informa, La Ding an sich, y lo que se informa sobre ella. En especial, la relación entre esa cosa misteriosa y el informe sobre ella suele tener la índole de una clasificación, la asignación de una cosa a una clase. Ponder un nombre es siempre clasificar, y trazar un mapa es en esencia lo mismo que ponder un nombre.*” Ver: Gregory Bateson. *Espíritu y Naturaleza*. Buenos Aires: Amorrortu, 2002: 40,41.

⁵ Sobre a crítica de Bateson à Psicologia, principalmente na aplicação do conceito de paradoxo comunicacional nos trabalhos desenvolvidos pela antipsiquiatria e pela terapia familiar sistêmica, ver: Vera Schroeder. *O Paradoxo na Comunicação Humana: Múltiplos e Duplos Vínculos*. Op. Cit.

⁶ Ver: Nu-Sol – Núcleo de Sociabilidade Libertaria. Revista Verve. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP. Ver também: Salvo Vaccaro. Foucault e o Anarquismo. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d.

⁷ “*A transcendência é sempre produto da imanência*”. Ver: Gilles Deleuze. *Imanência – uma vida...* Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero11/xiii.html> . Último acesso em 15 de julho de 2009.

⁸ “*Cette ethnopsychologie prolongue des travaux antérieurs, comme ceux de Gregory Bateson, de Margaret Mead ou encore de Ruth Benedict. Ce qui est nouveau se caractérise de deux manières: d’abord, elle se définit comme un domaine particulier, autour d’un même objet, avec ses controverses et un ensemble de références communes (notamment le nom de Michele Rosaldo). Ensuite, nous les verrons, elle apporte une nouvelle manière de les interroger et de les définir.*” Ver: Vinciane Despret. *Ces émotions qui nous fabriquent – Ethnopsychologie des Émotions*. op. cit.:13, 14.